

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## UM LAGAR LUSO-ROMANO DO VINHO JUNTO DO SANTUÁRIO DE PANÓIAS.

SANTOS JÚNIOR, J. R. dos

Ano: 1989 | Número: 99

---

### Como citar este documento:

SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, Um lagar luso-romano do vinho junto do santuário de Panóias. *Revista de Guimarães*, 99 Jan.-Dez. 1989, p. 411-416.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Um Lagar Luso-Romano do Vinho junto do Santuário de Panoias

PROF. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

*À memória do Coronel Mario Cardozo distinto e apurado estudioso da Arqueologia do norte de Portugal, Presidente da Sociedade Martins Sarmiento e Director da Revista de Guimarães.*

O. D. C.

Em alguns dos nossos castros lusitano-romanos têm sido assinalados *lagares do vinho* a que se tem também chamado *lagaretas*. Esquemáticamente o lagar é formado por 2 cavidades, uma maior mais funda e mais alta aberta a picão, a ponteiro e maceta, muitas vezes num pequeno penedo, com um buraco no fundo por onde verte e escôa o mosto do que for pisado para uma cavidade, também escavada no penedo, a que se pode chamar o «pio» do lagar:

— Como a cavidade maior, embora sempre relativamente pequena, é propriamente o lagar ou lagareta, podemos concluir que ali se fazia vinho de bica aberta.

O Bispo do Porto D. Domingos de Pinho Brandão e o seu colaborador Architecto Fernando Lanhas assinalaram 6 destes lagares ou lagaretas no distrito do Porto.

Um dos primeiros destes lagares ou lagaretas que vi, há uns 40 para 50 anos, foi no castro do Baldoeiro, na Vilarica, concelho de Moncorvo.

Como Professor da cadeira de Antropologia, seguindo as pisadas do Prof. Mendes Corrêa que foi meu Mestre na mesma cadeira, também sugeri aos meus alunos a apresentação de um trabalho pessoal sobre qualquer das matérias seguintes: Antropologia física, Etnologia, Psicotecnia ou Arqueologia, fornecendo esta, como as demais, vários temas; no fim das au-

las, quando pequenos grupos se abeiravam de mim ajudava-os na escolha do tema a tratar e sua elaboração.

O meu aluno José Luís Tocha Antunes dos Santos apresentou o trabalho Lagaretas de Pinheiro de Ázere; nesta freguesia do concelho de Santa Comba Dão encontrou 3 lagaretas que descreveu sumariamente, com desenhos de perfis e fotografias a mostrarem o conjunto e alguns pormenores.

O número dos trabalhos feitos e apresentados pelos meus alunos da cadeira de Antropologia nos anos escolares de 1953-1954 até 1967-1968 foi de 622 (I). Em 1969 segui para Angola em Comissão de serviço como Professor da Universidade de Luanda. O professor que me substituiu não continuou a sugerir aos alunos a elaboração de trabalhos pessoais.

(I) — A lista dos trabalhos com o título o nome do autor, e ano escolar em que foi apresentado, publiquei-a em *Trabalhos especiais dos alunos do Curso de Antropologia, na Fac. de Ciências da Universidade do Porto*, em «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. 2.º, Vol. XXIV, Porto, 1982, pág. 211 a 248.

Os trabalhos foram todos incorporados na Biblioteca do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa onde estão à disposição de quem os quiser consultar.

Dum modo geral os trabalhos corresponderam todos à finalidade que na solicitação foi feita aos estudantes para elaboração dos mesmos. Em quase todos, para não dizer em todos, foi manifestado o interesse quer na escolha dos temas, quer na colheita dos elementos necessários à estruturação do trabalho. A iconografia de muitos, em desenhos, esquemas, gráficos e fotografias é mais uma prova do interesse e cuidados dos alunos no ajuste equilibrado do texto com a documentação iconográfica.

Alguns destes trabalhos, e não poucos, com pequenos retoques, bem mereciam ser publicados.

Como aluno do Prof. Mendes Corrêa em 1922, com o seu amparo, fiz o trabalho especial do estudo antropológico e etnográfico da população da pequena aldeia «Quinta de S. Pedro» que então tinha 32 fogos, e é anexa da freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro. Pela mão do Prof. Mendes Corrêa fiz em 1923 uma conferência numa sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que em 1924, com o título *Estudo Antropológico e Etnográfico da população de S. Pedro (Moga-*

*douro*), foi publicada no Fasc. 2.º do Vol. II, Porto, 1924, com 102 páginas, 17 Figs. (desenhos) e 5 Est. de fotografias em 13 por 18.

Foi o meu primeiro trabalho feito com o amparo do querido Mestre Prof. Mendes Corrêa, e que deu início à minha vida universitária como antropologista.

Acabadas as rápidas considerações que acabamos de fazer passemos a ocuparmo-nos do lagar de Panoias.

O códice, que encontrei na Biblioteca Nacional de Lisboa, ao Campo Grande, tem o título no alto da primeira página.

Relação da freguesia de S. Pedro de Valnogueiras ou Val de Nogueiras, Comarca de Vila Real Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas — 1721.

O Pároco ou Prior da freguesia de S. Pedro de Valnogueiras (Panoias) descreve o lagar do vinho nos termos que se transcrevem da metade inferior da página do códice, e, na metade superior está o desenho esquemático a tinta preta que se reproduz na figura 1.

«Desviado desta Igreja cousa de quinhentos passos ou tiro de mosquete para a parte do sul, está um monte aonde se acha em uma fraga a figura acima, que sem dúvida era de lagar, porém se não acha com tampos, e somente a fraga que era o fundo, n.º 1, que tem doze palmos do quadro e à parte do norte está na dita fraga aberta o buraco quadrado (nota é rectangular) n.º 2.º. de dous palmos e meio de comprimento um de largo e outro de alto, e da parte do sul outro n.º 3.º, na mesma forma mas de três palmos de comprimento, e o n.º 4.º, mostra ser a biqueira, e o n.º 5.º, a dorna, de seis ou sete palmos de lado a lado, e de alto dous palmos, porém mais baixa por ficar a fraga do fundo do lagar mais alta que a dita dorna sete ou oito palmos, e os ditos buracos aos lados supponho serão em que estavam medidas tâboas ou pedras empinadas com artificios para o ministério de espremer.

Parece-me ser isto do tempo da outra obra acima, e neste povo há outro lagar de pedra e dorna e feitos também em uma fraga, porém de obra mais tosca e toda a mais acima é polida e feita com arte e de bom pico».

Vejamos agora a descrição que o Padre Dr. Jerónimo Contador de Argote nas suas *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Espanhas*, Lisboa, 1732 faz deste mesmo lagar na pág. 349 do seu livro acabado de citar.

«No mesmo monte em que estão as estampas retro (I), distante da Igreja para a parte do sul, um tiro de mosquete, está um grande rasgão, no alto do qual está aberto um lagar, que vai apontado com o número 1 que em cada um dos lados mais estreitos tem doze palmos de vão, porém de profundo somente dous palmos e meio, e no meio do mais alto dele sai um cano, ou boca que discorre pelo fragão distância de oito palmos, que vai notado com o número 2 até discorrer na urna do número 3 que lhe fica inferior, a qual tem de vão sete palmos e de profundo dous, tudo feito no mesmo fragão; e nos lados do dito lagar tem dous buracos que cada um tem de comprimento dous palmos e meio, e de largo um, que vão notados com o número 4 que representam servir para neles meter cousa que conduzisse a espremer».

Comparando as duas descrições do lagar, uma feita pelo Pároco ou Prior de S. Pedro de Valnogueiras em 1721 e a outra de Contador de Argote de 1732, que é manifesto o trespasse do relatório do Prior em algumas partes *ipsis verbis* feito por Contador de Argote.

O Prior ao descrever no lagar a parte e a posição um pouco mais alta da arca quadrada atribui-lhe doze palmos do quadro ou seja doze palmos de comprimento de cada um dos lados do quadrado.

Contador de Argote ao referir-se à parte quadrada, porção do lagar propriamente dita, onde se pisavam e esmagavam as uvas, diz que em cada um dos lados mais estreitos tem doze palmos de vão.

Não se compreende os lados mais estreitos, nem o vão dos lados.

Noutra passagem Argote informa «e no meio do mais alto dele (profundo) sai um cano ou boca que discorre pelo fragão distância de oito palmos, que vai notado com o número 2 até discorrer na urna número 3 que lhe fica inferior, a qual tem de vão sete palmos e de profundo dous, tudo feito no mesmo fragão.»

Nesta passagem parece haver um outro desenho do lagar a que corresponderiam os números dados por Argote, números que não aceitam às partes do desenho a tinta da descrição feita pelo Prior.

Argote substitui o nome da dorna pelo de urna, porém dá-lhe o comprimento de sete palmos igual ao diâmetro da dorna do desenho a tinta da descrição feita pelo Prior.

Verifica-se pela comparação dos dois relatórios que o do Prior, Pároco da freguesia de S. Pedro de Valnogueiras (Panoias), em que fora provido em 1702 pela minuciosa descrição bem como pelos desenhos a tinta que ilustram o seu trabalho merece felicitações e a primazia.

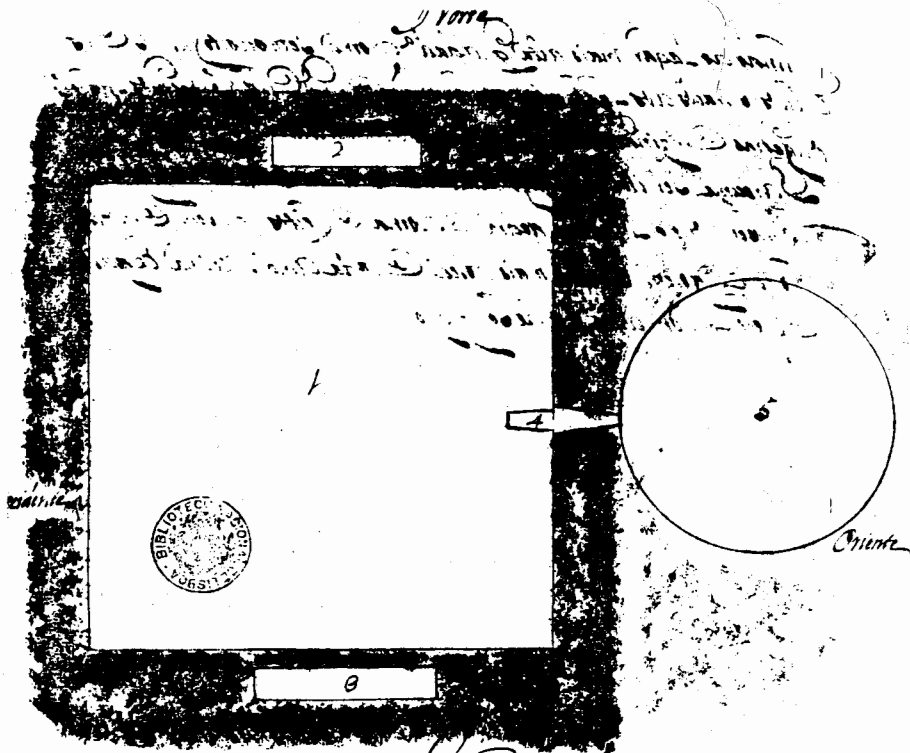
Contador de Argote por dizer no seu trabalho (1), que 4 dos sete pedregalhos do Santuário de Panoias S. Pedro de Valnogueiras serem de Pedra Mármore, quando eles e todos os mais são de «graniçissimo» granito, prova que Argote não fez a descrição do santuário de *visu*, mas apenas, segundo parece, arrimado ao manuscrito do Prior de Valnogueiras.

---

(1) D. Jerónimo Contador de Argote, *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Espanhas*, Lisboa, 1732). No que se refere ao Santuário de Panoias, trata o Contador de Argote em dois capítulos das suas Memórias Ecclesiásticas, que a seguir se indicam.

Livro II, Cap. VII — *Da cidade de Panoias, e das antiguidades e vestígios, que actualmente existem dela*, pág. 325-349.

Livro II, Cap. VIII — *Declara-se o uso das fragas ou pedras referidas* no capítulo passado e seus letreiros, pág. 350-359.



e S.ª

Descrição desta S.ª. Coma de quinhentos galões, v.ª tirada  
 no dia 24 de Jul. de 1874. Em monte de onde se tirou em sua  
 foga a seguinte Coma de Lem. devida em de Lagoa, por um Sena. aonde  
 em tamanho, e Lem. a foga de. Com. e foga n.º 1.ª que tem dez galões e  
 quatro, e a.ª de dita Coma n.º 2.ª foga abito e buraco quadrado de  
 n.º 2.º de dois galões, e meio de Coma, de. de. Coma de alto,  
 e a.ª de sul de n.º 3.ª na mesma Coma mas de hez galões de Coma  
 de, e n.º 4.º m.ªna for a esquerda, e n.º 5.º a Coma de sul, treze galões  
 de cada a cada de alto de dois galões, por um mais baixa e foga a foga